



As crianças e a literatura

Seminário na UFRN discute a importância da leitura na infância

Pág. 05



Eduardo Maia

Sucessão

**Ivonildo quer
mudar a forma
de administrar
a UFRN**

Pág. 03

Sexo

**Educação
sexual ainda
é tratada
com tabu**

Pág. 04



Carlos Santos



José Carlos Silva

Carta do Editor

A primeira escola que a criança tem é sua própria casa. É no lar que inicia o processo de educação, o que é ampliado nos colégios. O prazer da leitura é incentivado em casa, e continuado nas salas de aula. É raro uma criança gostar de ler num lar onde seus pais não cultivam este hábito.

Conscientes da importância da literatura para as crianças, um grupo de professores da UFRN vem desenvolvendo pesquisas a vários anos, abordando os diversos aspectos da questão. Esta problemática é o assunto de capa deste DN Educação, destacando um seminário que está sendo realizado no auditório da Reitoria sobre o tema.

Ainda no âmbito da UFRN, entrevistamos o

reitor eleito, Ivonildo Rêgo, sobre suas propostas para administrar a instituição, a partir do próximo ano. Também merece destaque a matéria sobre os jovens que deixam seu país de origem para estudarem lá fora, um sonho de muitos.

Por fim, dentre os diversos assuntos tratados, destacamos ainda o texto sobre a formação dos jovens que optaram pelo caminho do evangelho, lutando para serem padres. Ouvimos o reitor, padre Jaime, e também o seminarista, João Maria, que vai ser ordenado no próximo domingo. Que Deus o ilumine, e a nós também.

Até a próxima edição

Orelha de Livro

"Os Negros do Riacho: Estratégias de Sobrevivência e Identidade Social", de Luiz Carvalho de Assunção, Coleção Humanas Letras - Cooperativa Cultural

Lançando mão de recursos teórico-metodológicos da moderna antropologia social, Luiz de Assunção entra a fundo na questão do negro nordestino, desvendando o modo de vida, as representações e as lutas de uma comunidade negra que procura sobreviver ilhada em um mundo rural de branco. Este livro vem preencher uma lacuna que existia, em decorrência dos poucos trabalhos existentes sobre o assunto.

Segundo o professor Nássaro Nasser, o livro é inovador no estudo do negro no RN. Mas não fica limitado a isso. Constitui importante contribuição ao estudo do negro rural brasileiro, assunto que tem sido motivo de ótimos trabalhos antropológicos em outras regiões. Também é significativo seu valor para a compreensão da questão da identidade (étnica/social) tema tão caro à reflexão antropológica, sociológica e psicológica.

"Produção da Escola/Produção da Sociedade", de André Petitat, Editora Artes Médicas Sul Ltda.

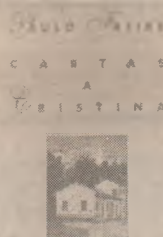


Por que insistir tão intensamente na necessidade de se levar em conta a dimensão histórica na Sociologia da Educação? Uma primeira resposta para esta questão é dada por Petitat, nesta obra, que já figura como um clássico.

"Ao escrever Produção da Escola/Produção da Sociedade, Petitat formulou provavelmente a crítica mais construtiva e mais original da tese da reprodução", relatou o crítico Phillippe Perrenoud.

Nesta obra, o autor propõe uma notável análise sócio-histórica de alguns momentos-chave da evolução escolar no Ocidente, lembrando que a história da escola e da educação encontra-se em pleno desenvolvimento. É mais um volume da série Educação: Teoria e Crítica, já consagrada entre os educadores brasileiros. André Petitat é professor do Departamento de Sociologia da Universidade de Quebec, Montreal, Canadá.

"Cartas a Cristina", de Paulo Freire, Editora Paz e Terra



Inaugurando um novo gênero em sua obra, que beira o ficcional, Paulo Freire revela neste seu novo livro, repleto de memórias e reflexões, que a base de qualquer teoria e a chave do conhecimento encontram-se na experiência pessoal e na capacidade de aprender a partir de impressões retiradas do universo vivido. Neste livro, inspirado pelo desejo de sua sobrinha, Cristina, de conhecer melhor o tio, na época que estava exilado, Paulo Freire liga experiências do passado à situação atual da sociedade brasileira.

Em "Cartas a Cristina", o autor torna vivas as sensações e impressões vividas e explícitas nos contrastes político-sociais no Brasil. Nas palavras de Adriano Nogueira, trata-se aqui de "Acompanharmos o surgimento de uma consciência de educador". Para o leitor, é uma oportunidade ímpar de acompanhar o trajeto de vida e a gênese do pensamento teórico do autor de Pedagogia do Oprimido.

Desenho x Matemática de quem é a culpa?

Existe na grade curricular, para a sétima e oitava séries, a matéria Desenho. Seus objetivos são aumentar a capacidade de concentração e desenvolver a coordenação motora fina do aluno, para isto a UFRN mantém em funcionamento desde 1976, o curso de Educação Artística com as habilitações: música, artes-cênicas, artes-plásticas e desenho.

O programa de matéria divide-se em quatro itens: desenho artístico, desenho geométrico, desenho decorativo e publicitário. Estranho é saber que nas escolas todo programa resume-se a desenho geométrico, fato que leva a alguns colégios particulares a alterarem o nome da matéria que passou a chamar-se de "desenho geométrico". Gritante é saber que alguns professores chegam ao cúmulo de substituir o ensino do desenho pela geometria, ou seja, cálculo matemático de áreas, seguimentos de reta e outros itens que distanciam-se imensamente dos objetivos da matéria, ou será que os professores de matemática com suas aguçadas lógicas, descobriram que a álgebra é um fator eficiente para o desenvolvimento da coordenação motora fina, contradizendo a escola inglesa que introduziu esta matéria com este objetivo, visando diminuir os acidentes nas fábricas, no final do século passado, uma vez que os operários provinham em maior parte do campo e portanto tinham as mãos adestradas para o uso de ferramentas agrícolas.

Apesar do curso que forma professor de Desenho existir e estar em plena atividade, poucos alunos tiveram o privilégio de aprender desenho artístico, cujo programa compreende "desenho de observação" e composição assim como desenho publicitário e decorativo, embora este último seja o ponto polêmico, além de desenho geométrico útil e não geometria, que é na verdade um item da cadeira de Matemática.

E qual a razão de tanta omissão e distorção do programa? Falta de professores de Desenho? Talvez esta seja uma das causas, porém a Secretaria Municipal de Educação informa que os professores de Matemática, além de serem encaminhados para as escolas para lecionar a matéria que por direito lhes cabe, também são encaminhados para ocuparem o lugar do professor de Desenho, isto por ter a Associação dos Professores de Matemática procurado aquela Secretaria, fazendo esta descabida solicitação, que estranhamente foi acatada.

De quem é a carapuça? Talvez da UFRN, que não informa às Secretarias de Educação que formam professores de Desenho para ensinar desenho nas sétimas e oitavas séries do 1º grau, e que forma professores de Matemática para ensinar matemática e não desenho, uma vez que eles jamais poderão ensinar desenho, já que naquele curso não existe a cadeira desenho artístico, publicitário e decorativo, além de não saberem exatamente os objetivos e metodologias próprias para o ensino desta matéria. Óbvio, não?

Talvez a carapuça caiba nas cabeças das Secretarias de Educação, já que estas evidentemente ignoram a existência deste curso na UFRN e se Maomé não vai à montanha... Ou talvez ela caiba nas cabeças dos engenheiros que ensinam matemática, e bancando o professor, arquitetaram usurpar a cadeira de desenho (apesar de já disporem da maior carga horária da escola, cinco aulas semanais, enquanto as outras dispõem apenas de duas). Talvez ainda a culpa caiba aos alunos, que nada sabendo, nada fazem e assim permanecem.

Não se sabe em quem a carapuça cabe. Só se sabe que maior é a cara de pau de quem não é, e quer ser. Os professores de desenho com seus diplomas na mão gritam: Larguem essa matéria, gulosos.

Aucides Sales

Prof. de Educação Artística da Escola Municipal
Irmã Arcângela.

Laércio

